

## Jeremy Bentham: Prazer e Dor – como mensurá-los?

Márcia Cristina Otaviani

Muito se fala na história sobre como a matemática foi utilizada em diferentes épocas como ferramenta para as mais diversas áreas do saber. Como nos conta muitos autores, a exemplo de I. B. Cohen houve, a partir do século XVIII (continuando pelo século seguinte), uma busca para controlar, medir e prever os eventos, e principalmente, as ações das pessoas, e essa procura passavam pela utilização de métodos empregados pela filosofia natural, ou seja, que eram considerados científicos e corretos na época.<sup>1</sup>

Com isso, vemos a matemática ser introduzida em análises sobre economia, como, por exemplo, nos escritos de William Stanley Jevons (1835-1882), bem como notamos, nos escritos de legisladores como William Blackstone (1723-1780), a tentativa de instituir, no campo da legislação, regras e parâmetros tão exatos quanto os estabelecidos pelos estudos da física da época.<sup>2</sup>

Mas, existiria uma “fórmula” para se saber o que é certo ou errado? Haveria um modo de quantificar as ações humanas? Seria possível uma “ciência” da moral? Com o intuito de tentar responder tais questionamentos, Jeremy Bentham (1748-1832), filósofo inglês, escreveu uma vasta obra. Muito de seus manuscritos estão sendo trazidos ao conhecimento do público por meio de esforços feitos por pesquisadores do *Bentham Project* em Londres. Contudo, muitas dessas publicações têm como objetivo maior a divulgação das ideias de Bentham e, por isso, há ainda um enorme espaço para estudos que busquem uma melhor análise e compreensão dessas ideias.

Com isso, nosso objetivo aqui é o de apresentar e buscar entender sua proposta de medir as ações humanas. Para tal, é imprescindível

---

Este trabalho foi apresentado em oficina nas “Jornadas de História da Ciência e Ensino”, realizado em 24 de abril de 2009, na PUCSP. Este artigo contou com a colaboração da profa. Dra. Márcia H. M. Ferraz, do programa de Pós-Graduação em História da Ciência da PUC-São Paulo.

<sup>1</sup> I.B.Cohen, *The Natural Sciences and the Social Sciences: some critical and historical perspectives* (Londres: Kluner Academis, 1994).

<sup>2</sup> Ibid., 7-20.

percorrer o texto em que o autor apresenta suas ideias, mas também analisar o contexto em que ele foi elaborado, bem como entender o que já foi dito sobre o autor.

Bentham é tido como fundador da corrente Utilitarista – que diz que toda ação deve ser medida por sua utilidade<sup>3</sup> – é mais conhecido por estudiosos do campo do Direito e da Sociologia, devido aos seus escritos sobre um sistema penitenciário. Alguns pesquisadores dizem que suas propostas de mudança no mundo legislativo estavam baseadas em seu descontentamento religioso, pois para muitos, Bentham não passava de um ateu e queria, por isso, tirar a figura de Deus dos assuntos morais. Contudo, recentemente, há também aqueles que têm ampliado o modo de estudar e entender o autor, incluindo em suas pesquisas a importância que ele dava a outros assuntos, tais como a lógica, a teoria do conhecimento e a linguagem.<sup>4</sup>

Em nosso trabalho sobre a proposta de mensuração das ações humanas de Bentham, buscamos uma abordagem diferente, no qual foram considerados, além dos aspectos já estudados sobre o autor (considerando fatores como religião, lógica e teoria do conhecimento), a ideia de ciência que estava por trás de sua proposta.<sup>5</sup>

O autor considerava a legislação de sua época incompleta e apresentou uma proposta diferente para a legislação inglesa<sup>6</sup>. Isso ocorreu num período em que grandes acontecimentos tomaram o mundo, não só no campo filosófico, mas também no econômico. Eventos como a publicação da *Enciclopédia Britânica* (1771), a Declaração de Independência Americana e a publicação do livro *A Riqueza das Nações* de Adam Smith (1723-1790) em 1776, a Revolução Francesa (1789), a abertura do *British Museum* (1759) e o descobrimento da Pedra de Roseta (1799).

---

<sup>3</sup> Stephen, L. *English Utilitarians*, p.1.

<sup>4</sup> J.E. Crimmins, "Bentham's Philosophical Politics," *Harvard Review of Philosophy* 3, (1992): 18-22.

<sup>5</sup> Mais sobre os estudos sobre religião, lógica e teoria do conhecimento de Bentham podem ser vistos em: Márcia C. Otaviani, "*Jeremy Bentham: Como medir os prazeres e as dores – 'Cálculo da Felicidade'*" (dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008).

<sup>6</sup> Bentham, J. *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation*, Introdução.

A lista de suas publicações é razoavelmente extensa e seus trabalhos e manuscritos foram reunidos na obra chamada *Collected Works of Jeremy Bentham*. Suas ideias de reforma política apareceram primeiramente no livro *A Fragment on Government* (1776), em que expõe seu descontentamento com o que era feito no campo da política inglesa.

Além das propostas de mudanças nos campos morais e legislativos, Bentham buscou trazer soluções e novas perspectivas para assuntos como educação e o sistema de presídios existentes. Como dissemos anteriormente, seus escritos sobre o projeto chamado Panóptico, que era um modelo de prisão que poderia servir também como escolas e hospitais, foi muito estudado pelos pesquisadores do ramo do Direito e da Sociologia. Segundo o autor, esse modelo deveria ser construído em uma área grande e ter o formato circular, com várias células dispostas ao redor de uma grande torre de controle, onde os presos seriam observados e vigiados por guardas que não poderiam ser vistos.<sup>7</sup>

No campo legislativo, Bentham publicou em 1789, justamente o ano da Revolução Francesa, sua obra *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation*. Nessa obra, Bentham dá ênfase às suas ideias a respeito de política e governo, buscando apresentar um guia de como as ações morais e éticas deveriam ser tratadas e seguidas. Ele acreditava que as ações humanas poderiam ser abordadas da mesma maneira que os fenômenos que eram objetos da química ou da física, ou, ainda, da medicina. Para alcançar tal objetivo estabeleceu critérios para medir as forças que governavam as ações humanas, que segundo ele era o prazer e a dor e assim, desenvolveu um modo de mensurá-los incorporando-os numa “ciência da moral”.<sup>8</sup>

Ao longo de nossas pesquisas e conforme citamos no início desse trabalho, notamos que durante esse período, as questões políticas e morais deveriam seguir as leis e métodos da filosofia natural. Vimos que nessa época, a “Ordem Natural” descoberta por Isaac Newton (1643-1727) serviria

---

<sup>7</sup> Watkin, “Bentham’s Panopticon and Dumont’s *Panoptique*” versão eletrônica: <http://www.ucl.ac.uk/Bentham-Project/journal/cpwpan.htm#2>. (acessado em 15 jun.2010).

<sup>8</sup> J. Bentham, “An Introduction to the Principles of Morals and Legislation,” *Clarendon* (1907): 6. <http://www.econlib.org/library/Bentham/bnthPML1.html> (acessado entre julho 2006 e março 2008).

como base não só para o mundo físico, mas também para o mundo político e social.<sup>9</sup> Os fenômenos sociais eram considerados passíveis de serem expressos por meio de leis. De fato, se verifica, durante o período compreendido entre o final do século XVII e o início do século XIX, uma maior valoração dos métodos experimentais bem como a introdução de métodos matemáticos nos estudos relacionados às ações humanas.

Alguns estudiosos colocam que certos pensadores, durante esse período, fizeram propostas para tratar os assuntos relacionados com a política, a moral e a ética de maneira mais quantitativa. Segundo eles, a utilização de métodos, de princípios e os conceitos advindos da medicina ou da física davam certa legitimidade aos estudos feitos em outras áreas atualmente conhecidas como ciências humanas ou sociais.<sup>10</sup>

Também Jeremy Bentham buscou à sua maneira, construir uma ciência da moral; tem-se mesmo a impressão de que ele quer ser para o mundo da moral o que Newton foi para o mundo da física. Segundo suas palavras: “[...] o que Bacon foi para o mundo físico, Helvétius foi para o mundo da moral. O mundo da moral já teve seu Bacon, mas seu Newton está ainda por vir.”<sup>11</sup>

Para o autor, a reestruturação dos assuntos políticos e morais já havia sido feita por Claude Adrien Helvetius (1715-1771), faltaria, então, dar-lhe características mais precisas e, talvez, coubesse a ele fazer essa parte.

Bentham tentou expor, tanto para os políticos, quanto para a sociedade de sua época que as ações humanas poderiam e deveriam ser mensuráveis, chegando a afirmar que “[...] as verdades que formam a base

---

<sup>9</sup> As descobertas de Isaac Newton relacionadas ao mundo da mecânica e da física foram muito importantes, não só em sua época, mas também durante os séculos XVIII e XIX. Muitos pensadores desse período buscaram adequar, e até mesmo “copiar” os princípios descobertos por Newton, para o campo social, político, moral e econômico. Mais sobre essa discussão pode ser encontrado em Cohen, *The Natural Sciences and the social sciences*. Capítulos 1,3 e 4.

<sup>10</sup> Cohen, 2-70.

<sup>11</sup> J. Bentham, “Diversos”, manuscritos, UCL, Special Collections, MS 157/32.

da política e da ciência moral não serão descobertas senão por investigações tão severas quanto às investigações matemáticas." <sup>12</sup>

Ele tinha uma noção peculiar de ciência para sua época, pois, num período em que as diversas áreas do saber estavam sendo divididas em especialidades distintas, e arte e ciência se distanciavam cada vez mais, Bentham propôs que a ciência verdadeira, só poderia ser aquela onde arte e ciência fossem consideradas como únicas e inseparáveis. Essas ideias do autor são encontradas em seus escritos sobre educação (*Chrestomathia*), onde aparecem também novas sugestões de como dividir os diferentes ramos do conhecimento humano. Ao propor a união de arte e ciência sob um mesmo ramo do conhecimento humano, a Ontologia, seria possível para Bentham, demonstrar que todos os métodos e critérios utilizados pela antiga Filosofia Natural, ou seja, pela ciência, poderiam ser empregados também pelo ramo onde estavam a Ética, a Legislação e a Moral. O autor chega a comparar a arte de legislar com a medicina, dizendo que

[...] a medicina é um instrumento para eliminar a dor, legislar corretamente, é um instrumento para eliminar as dores das pessoas; para ambas, o valor de sua utilidade está na quantidade de dor que elas eliminaram ou evitaram menos as dores que elas produziram ou prazeres que excluíram.<sup>13</sup>

É importante salientar a relevância dada pelo autor aos sentimentos de prazer e dor. Tais sentimentos estão diretamente ligados às suas explicações de como conhecemos as coisas no mundo real, pois Bentham valoriza sobremaneira os sentidos. Para o autor, só podemos considerar algo como real se pudermos percebê-lo através dos nossos cinco sentidos; caso não possamos perceber ou sentir essa coisa, ela deve ser considerada como uma entidade fictícia, ou seja, como não existente no mundo real, mas sim, no mundo do discurso. Então, para Bentham, prazer e dor deveriam ser

---

<sup>12</sup> J. Bentham, *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation*, 1-2.

<sup>13</sup> J. Bentham, *Art and Science Division*, In J. Bowring, org. *The works of Jeremy Bentham*, vol.2. <http://oll.libertyfund.org/title/191/114178/2345036> (acessado em 14/06/2010).

tratados como entidades reais, pois os conhecemos através dos nossos sentidos, e então somente o prazer e a dor deveriam ditar o que devemos ou não fazer.<sup>14</sup>

No intuito de fornecer um guia de como os legisladores deveriam agir e baseando-se no Princípio da Utilidade (onde toda ação deve ser tomada visando a maior felicidade (prazer) para o maior número de pessoas), bem como em suas ideias de como o ser humano conhece algo no mundo real, Bentham construiu então, sua proposta de mensurar as ações humanas, o que foi chamado de “Cálculo da Felicidade”.

Como mencionamos anteriormente, Bentham critica a legislação existente e apresenta como deveria ser tal mensuração no livro *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation* de 1789. Sua principal crítica aos legisladores da época concentra-se na maneira como eles tomavam suas decisões, como decretavam as punições aos infratores, e, acima de tudo, à falta de uma uniformidade das leis, que nessa época eram consideradas misteriosas, pois eram antigas e foram, ao longo dos tempos, sendo reinterpretadas pelos governantes. Para autores como Michael Foucault, o “código penal, ou o sistema penal inglês do século XVIII era um dos mais selvagens e sangrentos que a história das civilizações conheceu”, isso porque havia mais de 315 condutas capazes de levar alguém à força e a decisão era tomada em bases subjetivas e não objetivamente. Se o juiz tivesse uma crença pessoal em relação ao crime cometido, e considerasse o mesmo horroroso, a pena poderia ser muito maior do que a de um crime tido por ele como não tão ofensivo. Ou ainda, caso a ofensa fosse feita por partidários de grupos políticos contrários ao do juiz, a punição também poderia ser aumentada. Ou seja, como Bentham aponta, muitas vezes, era a subjetividade de quem punia que determinava o peso da condenação.<sup>15</sup>

Então o autor, neste livro, afirma que o prazer e a dor deveriam ser “instrumentos” com os quais os legisladores deveriam trabalhar, e saber a

---

<sup>15</sup> M. Foucault, *A Verdade e as Formas jurídicas*. 2ª ed. (Rio de Janeiro: NAU, 1999), 80.

força de cada um, ou seja, saber o seu peso e valor seria de inegável importância. Ele defendia que, ao atribuir valores para os prazeres e dores, os legisladores seriam capazes de aplicar punições mais justas, incorrendo no menor erro possível. Com esse cálculo, seria possível que as opções das pessoas (principalmente dos governantes) entre uma ação e outra estivessem baseadas, não em simpatia ou antipatia por determinado fim, mas sim em sua utilidade (causar a maior felicidade (prazer) para maior número de pessoas).<sup>16</sup>

Bentham diz então, que o valor de um prazer ou de uma dor, considerados em si mesmos, será maior ou menor segundo sete circunstâncias, a saber:

- 1) a sua intensidade,
- 2) duração,
- 3) certeza ou incerteza,
- 4) a sua proximidade ou distância no tempo, ou longinquidade,
- 5) a fecundidade (ou a probabilidade que o prazer ou dor tem de ser seguido por sensações de mesma espécie),
- 6) a pureza (ou seja, a probabilidade que o prazer ou a dor tem de não ser seguido por sensações do tipo contrário – dor no caso do prazer, e prazer no caso de dor),
- 7) a extensão (quantas pessoas seriam afetadas por tal ato).

Vejamos um exemplo do autor de como o cálculo poderia ser utilizado. Ele afirma que se alguém quiser fazer uma avaliação exata da tendência geral de qualquer ato que afeta os interesses de uma coletividade, essa pessoa deverá fazer uma apreciação dos seguintes elementos:

- o valor de cada prazer e de cada dor produzidos pelo ato;
- o valor de cada prazer e de cada dor produzidos pelo ato após os primeiros prazeres ou dores primeiramente identificados (fecundidade);
- somam-se todos os prazeres de um lado e todas as dores do outro.

Se mais de uma pessoa for afetada por tal ato, multiplica-se o valor obtido anteriormente pelo número de pessoas afetadas pelo ato e procede-

---

<sup>16</sup> J. Bentham, *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation*, 4-6.

se então o balanço final. Se o balanço for favorável ao prazer, a tendência da ação é boa, se for favorável a dor, a tendência é negativa.<sup>17</sup>

Podemos ver que o autor não coloca seu cálculo (apesar de chamá-lo cálculo) em forma de simbolismos matemáticos. O que notamos é que sua proposta se mostra mais como um guia que nos orienta em uma dada situação, onde, se ao final houver um número positivo – a ação é boa e deve ser executada, se houver um número negativo, não devemos ir adiante.

Após apresentar tantos detalhes poderíamos esperar ver o autor satisfeito com seu “Cálculo da Felicidade”. E que, finalmente, iria aplicá-lo para chegar à maior felicidade para o maior número de pessoas, ou seja, ver realizado o seu Princípio da Utilidade. No entanto, o autor sugere que o método desenvolvido não poderia ser seguido antes de um julgamento moral, ou seja, antes de uma ação judicial. Seu método deveria ser utilizado não sozinho, mas como um guia que aproximaria da exatidão os processos vigentes. Segundo o autor

não se pode esperar que o referido método possa ser seguido a rigor antes de qualquer julgamento moral. Todavia, o método como tal pode ser sempre mantido diante dos olhos; e na medida em que o processo atualmente seguido nessas ocasiões se aproximar dele, na mesma medida tal processo se aproximará da exatidão.<sup>18</sup>

Apesar das possíveis dificuldades no método de medir os prazeres e dores, a relevância da tentativa de Bentham está em sua busca por uma ferramenta que proporcionasse as pessoas uma linha mestre para pensar nas ações e como estas afetariam, tanto a vida do indivíduo, quanto a vida de toda uma comunidade. O cálculo tem obstáculos, mas identifica certos elementos que devem ser pensados em dadas situações e, apesar de se ressentir de valores precisos de prazeres e de dores, busca demonstrar por meio de um sistema, os possíveis efeitos de uma determinada atitude.

---

<sup>17</sup> Ibid., 1-6.

<sup>18</sup> Ibid., 6.



## CONCLUSÃO

Buscamos nesse trabalho apresentar como Jeremy Bentham baseou suas ideias para fazer uma proposta de mensurar as ações humanas. Mostramos que, apesar dele ser estudado em áreas como Direito e Sociologia, a análise de seus escritos restringe-se a vê-lo como representante da escola utilitarista, ou mesmo como um radical religioso e político. No intuito de ampliar a análise do autor, verificamos como ele foi estudado por outros pesquisadores, tentamos compreender a época em que suas propostas foram feitas e também, como seu texto recebe a influência desse período, pois entender a época do autor é essencial para entendermos as razões que o motivaram a pensar e expor suas ideias como o fez.

Identificamos a importância de estudos que buscam mostrar as diversas variantes por detrás de tentativas como as de Bentham, de transportar os métodos de quantificação utilizados pela Filosofia Natural para os assuntos relacionados às ações humanas. Entender o cálculo perpassa pelo entendimento de como o autor compreendia e enxergava assuntos como lógica e ciência – bases para seu pensamento e suas propostas de mudança.

Notamos que em seus trabalhos, o autor buscou uma aproximação entre as ciências da natureza e o conhecimento sobre o homem e pudemos identificar que sua proposta de como deve ser a melhor maneira de agirmos (e as punições para as ações não corretas) estava, de certa forma, baseada no conhecimento da natureza e da ciência de sua época: possível de se calcular, prever e quantificar.

### **SOBRE A AUTORA:**

Marcia Cristina Otaviani

Doutoranda do programa de História da Ciência/PUCSP

(e-mail: marciaotaviani@gmail.com)